

O Príncipe Nabo

ilustrações manuela bacelar ilse losa



EDIÇÕES AFRONTAMENTO



Personagens: Príncipe Austero, ou Nabo da Nabolândia, ou o Músico

Antônio

Princesa Beatriz

Rei do Castelo da Abundância

Marechal da Corte do Castelo da Abundância

Marechal da Corte do Príncipe Austero

Mademoiselle, Marquesa de Fanfaronnade

Aurora

Carolina

Lucas

Cozinheiro

Bobo

Primeira Rapariga

Segunda Rapariga

Terceira Rapariga

Damas de Honor

Príncipe Partuk

Príncipe Ali-Gato

A sala do trono: um tapete, cortinados pesados, algumas cadeiras, móvel carregado de «bibelots», uma jarra enorme. O retrato do rei na parede, um espelho. No centro, o trono.

Aurora: A limpar, com um espanador, a jarra enorme:
Hoje é que vai ser. Estou ansiosa por saber o que acontece. Vou espreitar pelo buraco da fechadura.
«Não devemos perder os momentos históricos», costuma dizer o rei. Ri-se.

Carolina: É a sexta vez que mandam cá vir uma data de príncipes para a princesa escolher um marido.

Aurora: Um marido não, um príncipe consorte.

Carolina: Com sorte... hum... Sei lá se é uma sorte casar com a princesa.

Aurora: Má língua!

Carolina: Ora essa, só digo o que toda a gente diz. De resto, quem tem a sorte toda é ela. Os pretendentes

aparecem-lhe em casa, e logo aos magotes! Raparigas da nossa laia precisam de correr Seca e Meca aos domingos depois das três, da Igreja para a feira, dali para a Avenida e para as transversais, e de homem para casar nem sinal. Suspira.

Lucas: É que tu não és uma princesa e não tens nem castelo nem fortuna.

Aurora: Virá hoje alguém que lhe agrade?

Lucas: Não me parece. Príncipes como ela quer não existem neste mundo. Ou são gordos, ou são magros, pequenos, altos de mais...

Carolina: Ou então loiros de mais, morenos de mais...

Aurora: Ela quer um príncipe perfeito...

Lucas: Um príncipe perfeito. Já há um ror de anos que sirvo neste castelo e nunca cá vi um príncipe perfeito. Afinal toda a gente tem falhas, tanto faz que sejam príncipes como criados. Eu, por exemplo...

Carolina: És magro de mais.

Lucas: Pronto, lá está!

Aurora: E o cozinheiro é gordo de mais.

Aparece o cozinheiro.

Cozinheiro, ofendido: Estás a falar a sério, Aurora?

Aurora: Não faças essa cara, rapaz. Bem sabes que gosto de ti. Afaga-lhe a cara. Não sou assim tão difícil de contentar como a princesa Beatriz.

Entra o Marechal da Corte.

Marechal da Corte: Então na pândega, hein? E a sala por limpar! Os três põem-se a trabalhar. O Marechal da Corte espreita para todos os cantos, passa o dedo sobre o móvel e depois sobre o jarrão. Hum! Carolina, torna a espanar este jarrão: está cheio de pó. E tu, cozinheiro, que andas por aqui a fazer? Se não me engano o teu lugar é na cozinha. Estou a ver que hoje não vamos ter o jantar pronto a horas, seu mandrião.

Cozinheiro: O senhor Marechal da Corte pode estar sossegado, da minha parte está tudo pronto. Logo que a princesa escolha o seu príncipe consorte, V. Ex.^a há-de comer o mais saboroso, o mais delicioso jantar da sua vida...

Marechal da Corte, sôfrego: Diz lá, diz lá!

Cozinheiro: Canja de galinha, lagosta ao natural, salmão cozido, arroz à valenciana, peru recheado, veado estufado, vitela assada, pudim francês, torta de morangos, salada de ananás, ovos em fio...

Marechal da Corte, a lamber os beiços: Ovos em fio, ai Nossa Senhora! Ovos em fio!... Mas que estão vocês a fazer? Todos

pasmados, a olhar para mim... Não se olha assim para um Marechal da Corte, cambada de preguiçosos... Saiam da minha vista! Ainda há muito que fazer nos outros aposentos reais.

Todos se inclinam e saem.

Marechal da Corte, para o público: Tomara eu que tudo se resolvesse e ver-me já sentado à mesa real, em frente dos ovos em fio... Mas a princesa é capaz de estragar outra vez todos os meus lindos planos. É vaidosa, oh se é!, e sempre que rejeita os pretendentes o rei fica tão furioso que não deixa servir o jantar. Isso já aconteceu, e cinco vezes. Eu, pobre de mim, fico com o estômago a dar horas, tanto mais que ainda tenho que ir consolar o rei. Podem crer, não é nada fácil ser-se Marechal da Corte e arranjar um príncipe consorte para uma princesa presumida. E o que é ainda pior, desta vez só consegui desencantar três pretendentes.

Entra a velha Mademoiselle, a Marquesa de Fanfaronnade.

Mademoiselle, carregando nos rr: O que aconteceu, Marechal da Corte? Porquê essa cara tristonha? Outra vez mal do estômago?

Marechal da Corte: Pelo contrário, sinto-me até muito bem.

Mademoiselle: Muito bem? Quer dizer que não tem fome, senhor Marechal da Corte?

Marechal da Corte: Minha estimada Mademoiselle e Marquesa de Fanfaronnade, por favor não use termos tão banais. Acho isso impróprio da educadora de uma princesa. Se tenho fome! Por acaso sou um mísero laçao ou um cozinheiro? Esses é que têm fome. Eu, quando muito, tenho apetite. Compreendeu, Mademoiselle? Constou-me que nos vão servir ao jantar trutas e salmão. E ovos em fio... Isto é, se houver jantar.

Mademoiselle: Se a princesa Beatriz se dignar aceitar um dos pretendentes.

Marechal da Corte, suspirando: Deus queira que sim! Uma vez que tem que ser, não lhe parece? E porque não havia de ser hoje? Afinal a princesa quer casar-se com um príncipe e não com um homem qualquer.

Mademoiselle, indignada: Senhor Marechal da Corte, como se atreve? Um homem qualquer! A nossa princesa Beatriz! O senhor perdeu o juízo. Porque está tão aflito? É por causa dos ovos em fio? Decerto não queria que a princesa aceitasse o primeiro que lhe aparecesse, só para o senhor poder saborear os seus ovos em fio!

Marechal da Corte, levando as mãos à cabeça: O primeiro que lhe aparecesse. Essa agora! A princesa já desprezou trinta príncipes, Mademoiselle e Marquesa de Fanfaronnade. É demais, deve concordar. Limpa o suor da cara.

Mademoiselle: O que significam trinta príncipes para uma princesa tão bonita e tão distinta como a princesa Beatriz? A tia dela era a célebre princesa Não-me-toques, que puseram a dormir numa cama com sete colchões e que ficou com uma negra na perna por causa de uma ervilha escondida debaixo do colchão do fundo. Não é uma princesa qualquer! Fui eu própria quem lhe ensinou as boas maneiras. E fui também eu quem lhe disse para não aceitar o primeiro príncipe que aparecesse. Seria pecado se o fizesse, senhor Marechal da Corte! Uma princesa como ela tem que casar com o príncipe mais belo e mais rico do mundo. Seria pecado, pode crer.

Marechal da Corte: Nesse caso, o melhor é a Mademoiselle ir ver se encontra o tal príncipe mais bonito e mais rico do mundo. O da Gata Borralheira, por exemplo, ou o da Bela Adormecida. Oxalá os encontre, oxalá! Eu cá, ilustríssima Marquesa de Fanfaronnade, confesso que não sei onde hei-de ir desencantar mais príncipes, bonitos ou feios.

Mademoiselle: E há quem ache o senhor Marechal da Corte inteligente, excepcional, braço direito de Sua Majestade, o rei... Mas o senhor não merece essa fama! São mais as vozes do que as nozes....

Ouvem-se passos. Entra o rei. O Marechal da Corte e Mademoiselle fazem uma vénia.

Rei: Tudo em ordem, senhor Marechal da Corte?

Marechal da Corte: Tudo em ordem, Majestade.

Rei: Quantos príncipes se apresentam hoje?

Marechal da Corte: Três, Majestade.

Rei: Só três?

Marechal da Corte: Tenho pena, Majestade, mas de facto são só três. Não é tarefa fácil, essa de encontrar príncipes para fazer deles príncipes consortes. Em muitas terras já não há um único, em outras são velhinhos com barbas brancas. Se a princesa Beatriz não se resolver desta vez, não sei o que se há-de fazer...

Mademoiselle, mordaz. «Ridicule», perfeitamente «ridicule»!

Marechal da Corte: «Ridicule» é a senhora, Marquesa de Fanfaronnade. Nem sequer sabe o que se passa pelo mundo. Anda a sonhar com o príncipe da Bela Adormecida e a chupar rebuçados. E a falar francês. Ao dizer «francês» carrega nos «rr».

Rei: Basta! Como se atrevem a discutir na minha ilustre presença? Mademoiselle, não se meta nos assuntos do Estado, contratei-a apenas para educar a minha filha. Faça o favor de se retirar e de ajudar a princesa a vestir-se para a chegada dos príncipes. Magoada, Mademoiselle faz uma vénia e sai.

Rei: Então, senhor Marechal da Corte, quem são os pretendentes de hoje?

Marechal da Corte, tira de uma pasta uma grande folha de papel, põe as lunetas e lê em voz alta: Sua Majestade o Príncipe Ali Gato, da terra dos Trinta Mil Habitantes; Sua Alteza o Príncipe Partuk, da terra do Bonaco; Sua Alteza o Príncipe Austero, da terra de Mailândia.

Rei, suspirando: Material fraco, senhor Marechal da Corte. Príncipes sem tradições, sem um passado grandioso, sem fortunas notáveis. O melhor dos três ainda é o Austero. Não que possua um castelo muito grande, mas ao menos tem fama de bom homem e não é odiado pelo povo. Que Deus tenha piedade de nós e faça com que a princesa se resolva hoje!

Marechal da Corte: De acordo, Majestade, também é esse o meu voto! Já se desperdiçaram seis jantares de noivado...

Rei, severo: Senhor Marechal da Corte, é por causa dos jantares que o senhor aprova o meu desejo?

Marechal da Corte: Por amor de Deus, não pense isso deste seu humilde servidor, Majestade. Aprovo o desejo de Vossa Majestade unicamente por causa da economia, do bem-estar da corte, da prosperidade do país. E, já se vê, por causa da felicidade da princesa.

Rei: Bem, bem. E quero que saiba uma coisa, senhor Marechal da Corte: se a minha filha não se resolver hoje, hei-de castigá-la duramente. Estou farto.

Lucas, entra e faz uma vénia: Saiba Vossa Majestade que chegaram três príncipes ilustres.

Rei: Que entrem para o salão azul e façam o favor de esperar uns momentos.

Lucas sai às arrecuas, inclinando-se várias vezes.

Rei: E a si, senhor Marechal da Corte, peço-lhe que chame a minha filha.

O Marechal da Corte inclina-se e sai.

Rei, para o o público: Acreditem. Estou cansado de tudo isto. Quem me dera poder ir à pesca, com um tempo tão bonito! Em vez disso, tenho que estar aqui, coitado de mim, a ver como a orgulhosa da minha filha despreza os últimos príncipes que o Marechal da Corte conseguiu desencantar. Mas desta vez as coisas não hão-de correr como ela imagina com a sua cabeça oca. Vou-lhe provar que ainda sou eu, o rei, quem manda aqui no castelo. Ai, que tempos estes, que tempos! Suspira.

O pano de boca fecha-se por uns momentos; ouve-se tocar música; o pano abre de novo. Estão a entrar a princesa Beatriz, Mademoiselle, duas damas de honor e o Marechal da Corte.

Princesa: Meu pai, mandou-me chamar? Alguma novidade?

Rei: Não te faças desentendida, Beatriz. Bem sabes do

que se trata. Senhor Marechal da Corte, mande entrar os príncipes. Um de cada vez.

A princesa senta-se ao lado do rei. Mademoiselle coloca-se, de pé, a seu lado e as damas de honor vão para detrás da princesa. A princesa e Mademoiselle abanam-se com leques, dum modo impertinente.

Princesa, a meia-voz, para Mademoiselle: Vamos ter um espectáculo divertido.

Ambas riem à sucapa.

Rei, que ouviu tudo: Acabem com essas parvoíces! E para que saibas, Beatriz, se hoje também zombares dos príncipes que vieram de longe por tua causa, o espectáculo acabará mal!

Princesa, com ar trocista: Meu pai, o que pensa de mim? Então não me hei-de portar como deve ser com os ilustres senhores que desejam desposar-me, a mim, uma princezinha modesta e sossegada? Não há razões para se inquietar. Sou bem educada e sei como devo proceder.

Rei: Oxalá, minha filha!

A princesa sorri para Mademoiselle. Ambas escondem os rostos, por uns momentos, por detrás dos seus leques.

No limiar surge o Marechal da Corte.

Marechal da Corte, em voz muito alta: Sua Alteza o príncipe Ali-Gato, da terra dos Trinta Mil Habitantes!

O príncipe entra. É muito alto e magro. Inclina-se diante do rei e da princesa.

Príncipe: Desejo a Vossa Majestade e à princesa Beatriz uma muito boa tarde e permito-me oferecer à bela princesa esta prenda insignificante e indigna dos seus encantos.

A princesa pega no embrulho e atira-o com indiferença ostensiva para Mademoiselle, que o abre cheia de curiosidade. Tira um espelho de cabo doirado e mira-se, afectada e presumida.

Princesa, (examina, entretanto, o príncipe Ali-Gato dos pés à cabeça e, por fim, desata numa grande gargalhada): Ai que alto ele é, parece a torre da igreja! E magro como um bacalhau! Seja bem-vindo, príncipe da Torre de Bacalhau.

Mademoiselle: Delicioso, princesa, delicioso!

Príncipe (recua, perplexo e aterrorizado): Majestade, eu... mas eu... ora essa... é um atrevimento...

Princesa: Um atrevimento! Estão a ouvir? O príncipe da Torre de Bacalhau acha isto um atrevimento.

Rei, desaustinado: Basta, Beatriz, basta! O príncipe Ali-Gato tem razão, é um atrevimento. Perdoe-me,

príncipe Ali-Gato, mas pode crer que o estimo e lamento que a minha filha tenha sido tão inconveniente.

O Marechal da Corte conduz o príncipe Ali-Gato delicadamente, pelo braço, para fora.

Rei, bate com o punho sobre o braço do trono: Tem cautela, princesa Beatriz. Avisei-te. E torno a avisar-te.

Marechal da Corte: Sua Alteza o príncipe Partuk de Bonaco!

O príncipe entra. É redondinho e corado. Inclina-se diante do rei e da princesa.

Príncipe, pateticamente: Muito boa tarde, Majestade. Muito boa tarde, princesa Beatriz, cuja beleza deslumbra os meus olhos. Posso oferecer-lhe esta prendinha modestíssima e com certeza sem valor para quem Deus prendou com tantos atributos extraordinários?

A princesa atira o embrulho com indiferença ostensiva para Mademoiselle, que o abre, cheia de curiosidade. Tira um colar de pérolas, põe-no no pescoço e depois mira-se no espelho de cabo.

Princesa, (examina, entretanto, o príncipe Partuk dos pés à cabeça e, por fim, desata numa gargalhada): Ai que ele é tão rechonchudo! E tão coradinho, parece um pudim de morangos! Seja bem-vindo, príncipe Pudim de Morangos!

Mademoiselle: Delicioso, princesa, delicioso.

Príncipe, (recua aterrorizado e diz, furioso, mas no seu tom patético): Princesa, saiba que sou o famoso príncipe Partuk. Nunca ninguém me ofendeu, nunca fui insultado por ninguém. A princesa é a primeira pessoa que ousa zombar de mim, do príncipe de Bonaco...

O rei e o Marechal da Corte põem, desesperados, as mãos à cabeça.

Princesa, às gargalhadas: O príncipe Pudim de Morangos nunca foi insultado por ninguém. Ouviu, Mademoiselle, ouviu?

Rei: Cala-te! Estás a levar as tuas brincadeiras longe de mais. Perdoe-me, príncipe Partuk de Bonaco, mas pode crer que o estimo muito. Lamento que a minha filha tenha sido tão inconveniente.

Príncipe: Nunca mais hei-de pôr os pés neste castelo, disso pode estar certo, Majestade!

Sai apressadamente. O Marechal da Corte segue-o, aflito.

Princesa (de tão travessa, bate palmas): Bravo! Assim é que eu gosto dos meus pretendentes.

Surge o Marechal da Corte no limiar.

Marechal da Corte: Sua Alteza o príncipe Austero da Mailândia!

Entra o príncipe. É boa figura, mas tem um queixo muito comprido. Inclina-se diante do rei e da princesa.

Príncipe: Salve, Majestade, e vós, jovem princesa Beatriz.

Princesa (examina-o detalhadamente. Acaba por reparar-lhe no queixo): Ora vejam! Tem um queixo tão comprido que parece um nabo. Desata numa grande gargalhada. Mademoiselle, sabe quem ele é? O príncipe Nabo da Nabolândia!

Príncipe (encara a princesa de frente): Ah, é verdade, quase me ia esquecendo: trouxe-vos uma prenda, bela princesa Beatriz. Uma prenda insignificante para uma princesa com uma fantasia tão rica. E agora desejo muita felicidade a toda a gente neste castelo.

Vira-se para sair.

Rei: Espere um momento, ilustre príncipe Austero! Quero que também oiça o que tenho a dizer. Mas, antes de mais nada, aceite as minhas desculpas. Lamento que a minha filha tenha sido tão inconveniente. Entretanto, a princesa atirou o embrulhinho à Mademoiselle, que o abre cheia de curiosidade. Perplexa, tira uma palmatória. E agora para ti, minha filha Beatriz: já que nenhum dos príncipes que cá vieram te agradou, já que todos têm defeitos aos teus olhos antes de os teres conhecido mais de perto, já que estou farto das

tuas zombarias e da tua vaidade e, finalmente, já que preciso de descansar e ir à pesca, resolvi oferecer-te ao primeiro homem que, a partir deste momento, entrar no castelo, seja ele quem for, príncipe, músico ou pobre de pedir.

O príncipe inclina-se e abandona a sala. Made-moiselle e as duas damas de honor mostram-se indignadas: - Vossa Majestade não pode...

Rei: Posso sim, minhas senhoras. Vão ver se não posso.

Princesa: Não se aflijam, o meu pai não fala a sério. Seria lá capaz de me fazer casar com um músico ou com um pedinte!

O rei levanta-se e prepara-se para sair. Nisto entra Lucas.

Lucas, inclinando-se: Saiba Vossa Majestade que diante do portão está um pobre músico que pede para o deixarem entrar.

A princesa quer sair, mas o rei segura-a pela mão.

Rei: Não fujas, minha pombinha, não fujas. Uma cançãozinha não te fará mal, pois não?

De cara aborrecida, a princesa torna a sentar-se. Também o rei se torna a sentar. Entra um músico pobre, com uma viola. Inclina-se diante do rei e da princesa.

Músico: Desejo uma boa tarde a Vossa Majestade e a Vossa Alteza, princesa Beatriz, e peço, humildemente, que me dediquem uns momentos de atenção e de paciência.

Rei: Canta, bom músico, canta! Estamos ansiosos por te ouvir.

O músico toca a viola e canta:

Havia, em tempos, uma donzela
No Castelo da Abundância,
Jovem, afortunada e bela
Era, porém, um poço de arrogância.
Sentada no trono, majestosa,
Toda ela esplendor e travessura,
Desprezava, trocista e vaidosa,
Os príncipes que vinham em sua procura.

A donzela ria e troçava
Sem piedade e sem dó,
Mas o tempo, esse não parava
E deixou-a, por fim, ficar só.

Sentada no trono, chorava
De velha e abandonada que ficou,
O sangue, as lágrimas, tudo gelava,
Em pedra a donzela se transformou.
Há pouco ainda lá se via,
No Castelo-da-Abundância,
Estátua solitária e fria,
Símbolo da vaidade e da arrogância.

Rei: Bravo, bravo! Bela canção. Não achas, Beatriz?

Princesa: Já ouvi canções mais bonitas... Boceja.

Músico: Mas evidentemente. Majestade, quer ouvir mais alguma?

Rei: Não, cá por mim fiquei satisfeito com a que ouvi. Minha filha é que terá ocasião de as ouvir a todas, com calma e sossego, na sua casinha, senhor músico. Com certeza tem uma casinha agradável e muito mais própria do que este castelo para se ouvirem canções bonitas, não é verdade?

Princesa: Meu pai!

Mademoiselle, que carrega muito nos «rr». Vossa Majestade, isto é perfeitamente incrível. «Ridicule», «ridicule».

As damas de honor: Isso não, isso não!

Marechal da Corte: Vossa Majestade não está a exagerar?

Músico: Mas... então... Vossa Majestade quer dizer que...

Rei: Que lhe dou a minha filha como esposa, senhor músico, como recompensa pela sua linda canção.

Músico, pasmado: Que grande honra, Majestade, que grande honra.

Rei, com um gesto de mão: Leve-a já. Preciso

urgentemente de sossego. Amanhã vou para a pesca.

A princesa tenta fugir, mas o músico segura-a com mão firme.

Músico: Onde vai, minha linda princesa? Seria pena se me fugisse, pois não acontece todos os dias oferecerem-me uma esposa tão ilustre.

Princesa: Meu pai, meu querido paizinho, pai justo, não me importo de casar com um dos príncipes que cá vieram. Com um qualquer, por exemplo com aquele do queixo comprido.

Rei: Ah, o príncipe Nabo da Nabolândia? Ora, ora, o músico também tem um queixo que se veja. Estás bem servida, portanto.

O músico arrasta consigo a princesa, que se debate com toda a força.

Princesa: Não quero! Não quero! Mademoiselle, ajude-me, ajude-me!

Músico: Acabaram-se as Mademoiselles, Beatriz. Agora começa outra vida. Vais gostar, tenho a certeza. E muito obrigado, Majestade. Espero que nos voltemos a encontrar qualquer dia.

Empurra a princesa pela porta fora. Depois ainda se ouvem, lá fora, os soluços dela. Em seguida,

silêncio. Ninguém fala. Mademoiselle suspira fundo e depois desmaia. Neste momento entra Lucas.

Lucas: O cozinheiro manda perguntar se pode servir o jantar de noivado.

Rei: Que o atire pela janela fora. E que nunca mais me venha falar de jantares de noivado. Nunca mais, entendido? E agora deixem-me descansar, por favor! Amanhã tenho que me levantar cedo, para ir à pesca. Sai. Todos se inclinam.

CAI O PANO

Passou-se meio ano desde que o músico António levou, do Castelo da Abundância, a princesa Beatriz para a sua casa. Vemos agora a princesa sentada em frente duma casinha pobre. Traz o vestido com que saiu da corte do pai, mas já não tem o mesmo aspecto impecável. Por cima, usa avental grosseiro. Está a descascar batatas, que tira dum cesto, no chão. As cascas, fá-las cair numa tigela sobre os joelhos e as batatas descascadas deita-as para um alguidar. Ao lado, um molho de vimes e um cesto já meio feito. Mais um banquinho debaixo da janela e, logo pegada à casa, uma coelheira diante da qual se vê um molho de couves.

Princesa: Ai de mim! As minhas mãos estão estragadas e escuras. E tinha eu orgulho de ter umas mãos macias e brancas, com unhas pintadas da cor das cerejas. Nunca julguei que a vida dos pobres fosse tão dura. Dizia-me a minha Mademoiselle, a Marquesa de Fanfaronnade, que a gente sem fortuna e sem castelo vivia mais feliz do que nós, por não ter responsabilidades. Mas, afinal, ela não sabia da vida dos pobres, nem de como é desagradável isto de uma pessoa ter que se levantar logo de madrugada e tratar de cozinhar um caldo, fazer

as camas, arrumar a casa, lavar a roupa, limpar a coelheira, correr para o mercado e ir ao mais barato que depois nem apetece comer, descascar batatas, acender o lume e até entrançar cestos para ganhar dinheiro. É assim que passo agora os meus dias e não tenho tempo para descansar. Estou a ficar feia, não posso comprar cremes para a pele nem champô para lavar o cabelo. E desde que aqui estou ainda não tive um único vestido novo. Ai de mim! Podia andar com ricos trajes de veludo e de seda, comer petiscos e passear com Mademoiselle no Rolls Royce confortável. Suspira e depois levanta-se, vai para a coelheira, espreita para dentro e atira umas folhas de couve aos coelhos.

Comam, comam, bichinhos!

De novo para o público:

Ao menos os coelhinhos têm boa vida, todo o dia a brincarem uns com os outros. Torna a sentar-se e a descascar batatas. Suspira fundo.

Fui muito castigada, podem crer!

Surge o músico António, com a viola a tiracolo.

António: Não sei qual de nós foi mais castigado, princezinha. Cá chego eu, fatigado de tanto andar a entreter gente com as minhas cantigas para ganhar uns cobres e a minha mulher nem sequer acabou de descascar as batatas. Espreita para dentro de casa. Nem uma panela ao lume. Levanta o cesto meio entrançado. E o cesto ainda em meio. Que falta de habilidade! No que eu me meti. O rei pregou-me uma boa partida, não há dúvida. E estava conven-

cido de me prestar um grande serviço ao dar-me a filha por mulher! Fez de mim um príncipe consorte sem castelo nem lacaios, a viver com uma mulher que nunca tinha visto uma viela, nem a casa dum pobre. Para a princesa:

Mostra lá as cascas! Ela estende-lhe a tigela e ele vira uma casca para a luz. Vá lá, vá lá! Fininha como papel. Espreita para dentro do alguidar. E tiraste também os olhos, sim senhora! Quem sabe? Talvez ainda venhas a ser alguém, qualquer dia.

Princesa: António, tens que ter um pouco de paciência comigo! Bem sabes que na corte eram os criados que preparavam a comida e limpavam o castelo. E nunca precisei de ganhar dinheiro.

António (dá uma grande gargalhada): Ora vê lá! Os criados preparavam a comida e limpavam o castelo. Pelos vistos querias que te arranjasse também um regimento de pessoal para fazer o serviço, aqui na nossa cabana. Uma criada para descascar as batatas, um cozinheiro para pô-las ao lume... Um laçao de libré para dar de comer aos coelhos e uma criada de quarto para te pentear e para te cortar as unhas dos pés... E talvez ainda uma Mademoiselle Fanfaronnade para te ensinar boas maneiras e fazer pouco dos teus semelhantes... Era mesmo próprio da mulher do António músico, não era?

Princesa (começa a chorar): Ah, bom António, não te zanges. Que mais queres que eu faça? Não me verguei já bastante nestes últimos meses? Não tenho aprendido

uma série de trabalhos que não sabia sequer que existiam? Que não sou boa aluna, bem sei. Tem-me custado a habituar a esta vida de pobre mulher, sem lindos vestidos, a andar pelos caminhos a pé e não de automóvel.

António (dá uma gargalhada): Ah, não adianta nada: nem vestidos, nem Rolls Royce. Tenho fome e não há comida na panela. É o que importa neste momento. Vamos ao trabalho.

Ele vai ajudá-la. Depois põe-se a tocar viola e a cantar:

Havia, em tempos, uma donzela,
No Castelo da Abundância,
Jovem, afortunada e bela
Era, porém, um poço de arrogância.

Sentada no trono, majestosa,
Toda ela esplendor e travessura,
Desprezava, trocista e vaidosa,
Os príncipes que vinham em sua procura.

Princesa (interrompe-o): Oh! essa canção não! É tão feia!

António (zangado): Achas feia? Ao teu pai agradou bastante. Pagou um alto preço por ela. Mas estou farto de discussões! Vou à aldeia comer qualquer coisa num tasco. Vê lá se vais trabalhando entretanto! Há um cesto por acabar, não te esqueças, princesa Beatriz do Castelo da Abundância. O dinheiro que ganhamos é pouco. Sai.

A princesa segue-o com os olhos, desesperada. Depois põe-se a entrançar, mas vê-se bem que ainda não se entende com esta arte.

Princesa: Lá vai ele e deixa-me ficar sozinha, só por eu ter dito que achava a canção feia. Porque não havia de a achar feia, se conta a minha história e se essa história acaba mal? Não me hei-de transformar em pedra fria, nem quero ser um símbolo de arrogância e de vaidade. Se ele não fosse tão impaciente, já tinha visto quanto me modifiquei. Mas, pela mais pequena coisa, ofende-se e deixa-me ficar.

Entra um grupo: uma rapariga, um rapaz e um bobo. Pelos balões que trazem na mão e pelas flores garridas de papel, espetadas nas lapelas do rapaz e do bobo, vê-se que vêm de uma romaria.

A rapariga: Esta casinha de quem é?

O rapaz: Do músico António. Alugou-a há uns meses e trouxe para cá aquela lindeza. Aponta para a princesa. Todos olham para ela, que está desesperadamente a entrançar o cesto.

A rapariga: Ai, coitada, não sei quem lhe vai comprar aquele cesto, da maneira como ela o entrança.

O Bobo, trocista: Trabalho rápido e perfeito como o das máquinas mais modernas, a motor.

Riem e aproximam-se mais da princesa. O bobo

espreita, cheio de curiosidade, para dentro da coelheira.

O Bobo: **Lindos coelhinhos! Deixa ver se tenho uma cenoura.** Remexe nos bolsos, muito fundos, e tira uma cenoura enorme para fora. Atira-a para a coelheira: **Bom apetite, meus senhores!** Depois põe-se no banco debaixo da janela e espreita para dentro de casa.

A rapariga, para a princesa: Como te chamas?

Princesa: **Beatriz.**

O rapaz, trocista: **Lindo nome.**

A rapariga: De onde vieste?

Princesa: De longe. Da terra do rei do Castelo da Abundância.

O Bobo, virando-se no banco: Mas a abundância, com certeza, era para ele e não para as senhoras que se chamam Beatriz, embora seja um lindo nome. Volta a espreitar para dentro de casa.

A rapariga: E lá na tua terra não aprendeste a entrançar cestos?

Princesa: Não, não aprendi.

O Bobo, virando-se: Querem ver que ela frequentou a Universidade?

O rapaz: O que é que aprendeste então na tua terra?

Princesa: A falar francês, a tocar piano e a pintar flores.

O bobo dá um pulo do banco. Os três desatam numa grande gargalhada. O bobo até se rebola no chão, de tão divertido.

O rapaz, para o público: Ouviram? Mas ouviram bem? Ela sabe falar francês e tocar piano e pintar flores. É uma senhora fina que casou com um senhor músico, também fino. Veio duma terra lá muito longe onde governa um rei, no Castelo da Abundância. Nesse castelo é tudo abundância e as pessoas ganham a vida a falar francês, a tocar piano e a pintar flores.

O Bobo, fazendo grandes vénias diante da princesa: Madame, estimada Madame. «Oui, oui! Mais non, mais non! Bonjour, bon soir, au revoir!». Então como vai o trabalhinho? Este cesto será para o rei do Castelo da Abundância? Para ele levar o lanche ao piquenique? Tenho a certeza de que Madame trabalha para a corte, não é verdade? Com tanto jeito e tanta arte, o rei não há-de desprezar os seus serviços!

A rapariga: Anda, fala um bocadinho francês, para a gente ouvir.

Princesa, desesperada: Que querem de mim? Porque é que não me deixam em paz? Fiz-lhes algum mal?

O Bobo: «Mais non, Madame, mais non». Mas onde está o piano? Não o vi lá dentro. Claro, Madame tem uma casa cheia de luxo: candeeiros de cristal, cadeirões de couro e colchas de seda. Falta só o piano. Talvez não caiba lá dentro e Madame trá-lo às costas. Deixa ver. Vai buscar o banco, sobe e examina as costas da princesa. Esta levanta-se, aterrorizada, e corre para a frente. Então os três põem-se a dançar à volta dela ao som duma música e cantam:

Fala francês:

Monsieur, Madame,

Pinta florinhas com perícia.

Toca piano:

tím, tum, tam-taram

Ora vejam a donzela, que delícia.

Oui Monsieur, non Madame,

Bonjour, bon soir,

Au revoir.

Tím, tum, tam-taram.

Em seguida o bobo executa, sozinho, uma dança cómica e os dois companheiros marcam o ritmo com as mãos. A princesa fica parada, com ar de quem não sabe o que fazer.

O músico António volta trazendo na mão um tachozinho e a princesa, ao vê-lo, precipita-se para ele como quem procura amparo. Entretanto, o bobo acaba a dança.

António, para a princesa: Então, arranjaste amigos?

A rapariga: Ela diz que fala francês e que toca piano e que pinta flores.

O rapaz: E que vem de longe, duma terra onde se aprendem essas coisas.

O Bobo: E entrança cestos com a perfeição duma máquina a motor. A gente bem viu. São para o rei do Castelo da Abundância, que não tem cestos para os piqueniques. É uma senhora distinta, uma Madame. «Oui Monsieur».

António: Fazem mal em trocar dela. É uma criatura digna de compaixão. E agora tratai da vossa vida e ide para casa. Está a ficar escuro.

Os três (fazem uma vénia rasgada): Boa noite, Madame, boa noite, Monsieur.

O Bobo, ao sair: «Bonne nuit! Au revoir»!

Ainda se ouvem as gargalhadas dos três ao longe, depois tudo fica calmo.

António, entregando o tacho à princesa: Anda, come. É arroz.

A princesa senta-se e põe-se a comer com avidez.

António, sentando-se também: A tarde pôs-se bonita.

Princesa, mastigando o arroz: Está bonita, sim.

António: Temos um Verão quente, este ano.

Princesa, ainda ocupada a comer: Bastante quente.

António: Linda época para casamentos.

Princesa: Suponho que sim. Nós casámos no Inverno.

António: Estava a gelar.

Princesa: Nunca passei tanto frio em toda a minha vida.

António: Até tremias.

Princesa: Não havia fogão em casa.

António: A noiva do príncipe Nabo da Nabolândia tem mais sorte.

Princesa: A noiva do príncipe Nabo da Nabolândia? Mas ele vai casar?

António: Vai, sim. Depois de amanhã. Contaram-me na aldeia.

Princesa: Quem é a noiva?

António: Ninguém sabe. Dizem que ele foi para muito longe buscar uma princesa. Que levou seis meses a encontrar uma que lhe agradasse. Afinal, tu também podias ter casado com ele.

Princesa: Podia.

António: Achaste-lhe o queixo muito comprido...

A princesa limita-se a suspirar.

António: E, afinal, arranjaste um marido que também tem um queixo bem vistoso.

Princesa: Mas és um homem bonito, António.

António: Bravo, bravo! A minha mulher acha-me bonito. Por isso mereces um beijo, minha linda. E agora outra novidade.

Princesa: Outra?

António: Ao conversar com a gente da aldeia fiquei a saber que na corte do príncipe Austero da Mailândia, isto é, do príncipe Nabo da Nabolândia, precisam duma ajudante de cozinha durante os preparativos para a festa do casamento. Especialmente para descascar batatas. Pensei: «A minha mulher é uma artista a descascar batatas, não deve haver muita gente igual». Então fui ao castelo dizer-lhes isto. E aceitaram.

Princesa: A mim? Para descascar batatas?

António: Olha lá, Beatriz, o castelo não fica longe daqui. Tu consegues tirar uma casca tão fininha como papel. Consta que o príncipe paga bem ao pessoal com-

petente, e o dinheiro fazia-nos jeito, bem sabes. Eu, à noite, ia-te lá buscar e tu fazias os possíveis para surripiar uns petiscos para mim. Há já tanto tempo que não como um bocado de boa carne assada! Que me dizes?

Princesa: Precisamente agora tinha começado a habituar-me um pouco aqui. E logo queres que vá trabalhar num outro sítio e, ainda por cima, na cozinha do príncipe Nabo da Nabolândia. Sei lá se serei capaz!

António: És capaz, tenho a certeza. O trabalho não há-de ser tão duro como aqui.

Princesa: Tenho tanto medo, António, tanto medo!

António: Vá, vá! Coragem, princezinha! Pega na viola e põe-se a tocar e a cantar:
Havia em tempos uma donzela,
No Castelo da Abundância,
Jovem, afortunada e bela.
Era, porém, um poço de arrogância.

Sentada no trono, majestosa,
Toda ela esplendor e travessura,
Desprezava, trocista e vaidosa,
Os príncipes que vinham em sua procura.

A donzela ria e troçava
Sem piedade e sem dó,
Mas o tempo, esse não parava
E deixou-a, por fim, ficar só.

Aqui a princesa entra na canção e os dois cantam juntos:

Sentada no trono, chorava,
De velha e abandonada que ficou,
O sangue, as lágrimas, tudo gelava,
Em pedra a donzela se transformou.

Há pouco ainda lá se via,
No Castelo da Abundância,
Estátua solitária e fria,
Símbolo da vaidade e da arrogância.

Princesa: Mas eu não me transformei em estátua fria,
António.

António: Graças a Deus que te não transformaste em estátua
fria, Beatriz.

Escurece. Ouve-se uma música branda.

O pano cai lentamente.

Sala de festas no castelo do príncipe Austero da Mailândia. O ambiente é mais simples e, ao mesmo tempo, mais moderno do que no Castelo da Abundância. Uma janela alta. Raparigas e rapazes a colocarem grinaldas, balõezinhos e flores. O bobo e os dois jovens da cena anterior estão também presentes. Todos manifestam um ar alegre e cantarolam.

Primeira rapariga (que é a da cena anterior): O príncipe Austero ainda não chegou. Há mais de meio ano que se foi embora, para procurar noiva. Levou tempo a encontrar uma que lhe agradasse.

Segunda rapariga: Quem é ela, afinal?

Terceira rapariga: Ninguém sabe. Dizem que o príncipe nos quer

fazer uma surpresa. Estou mortinha por ver a noiva.

Primeiro rapaz (que é o mesmo da cena anterior), entusiasmamente: Também eu! Deve ser lindíssima: cabelo loiro, sedoso como ouro em fio, e olhos grandes, azuis, a brilharem como as estrelas...

O Bobo (interrompe-o, trocista, macaqueia-lhe a maneira de falar): E uma pele tão delicada como a dos pêssegos; e uma boca tão vermelha como vinho tinto; e mãozinhas tão finas e pequenas como ovos de pomba... Agora com voz grossa: E uma voz tão grossa como a do lobo que comeu o capuchinho vermelho e as orelhas tão compridas como um burro...

Primeiro rapaz: Acaba lá com as tuas brincadeiras. Não és capaz de tomar nada a sério. Aposto que ela é linda como o Sol.

Terceira rapariga: És tolo! Vocês, os rapazes, imaginam sempre as princesas mais bonitas do que as outras raparigas. Mas o que as torna mais bonitas são apenas os vestidos ricos. Com garridice: Se eu, por exemplo, trouxesse um vestido de brocado de ouro ou de rendas de Bruxelas, podia muito bem passar por uma princesa. Olá se podia! E se uma princesa andasse com os meus vestidos, coitada, era logo parecida comigo.

O Bobo, girando com movimentos e gestos patuscos: Ou comigo! E lucrava bastante com isso!

Todos se riem e tornam a cantarolar.
Entra o Marechal da Corte do príncipe Austero,
um homem baixo e todo calvo.

Marechal da Corte: Então, a sala está bonita? E toda a gente anda contente? Sua Alteza o Príncipe Austero deve estar a chegar de um momento para o outro. Acaba agora mesmo de me telefonar da estação.

Segundo rapaz: E traz a princesa consigo?

Primeiro rapaz: E ela é bonita?

Primeira rapariga: E eles vêm de automóvel?

O Bobo: Ou de bicicleta? Ou a pé?

Marechal da Corte: Calma, calma! Sua Alteza não deu pormenores. Mas suponho que traz a princesa. Afinal foi para trazer uma princesa que partiu daqui e se demorou tanto tempo lá fora. E não recebemos ontem ordem para preparar a festa do casamento? Se a noiva é bonita? Evidentemente que deve ser bonita, mais do que evidente. Sua Alteza levou seis meses a descobri-la, o que é prova de ter procurado bem.

Segunda rapariga: O senhor Marechal da Corte não sabe como ela se chama?

Marechal da Corte: Já é curiosidade demais. O príncipe quer fazer-nos uma surpresa, e temos de esperar com paciência.

O Bobo: Claro, o senhor Marechal da Corte sabe tudo: de onde ela vem, como se chama, se é bonita, se é inteligente, se vem de avião, de automóvel ou de bicicleta. Só não o diz a ninguém, porque não quer ser desmancha-prazeres.

Marechal da Corte: Pareces um realejo, bobo! Era melhor ajudares nos trabalhos para a festa.

O Bobo: Não me deixam ajudar, senhor Marechal da Corte. Não querem que eu faça coisa alguma. Dizem eles que o meu ofício é animá-los. E se eu não lhes fizer o favor de os animar, eles não trabalham, o que seria um desastre, porque, compreende, eu sozinho a trabalhar não dava conta do recado.

Segundo rapaz, para o bobo: Quem é aquela?

O Bobo, examinando a princesa: Olhem quem ela é! A Madame! A senhora distinta que sabe entrançar cestos que nem uma máquina a motor. A Madame que tem coelhinhos e que fala francês: «bon soir, au revoir». Como vai o ilustre esposo, o músico da viola, Madame? Onde deixou o piano? Então hoje não o traz às costas? E não nos oferece um dos seus quadrinhos com flores pintadas? Para os outros: É que Madame toca piano e pinta flores e anda todo o tempo a falar francês.

Grandes gargalhadas em toda a sala.

Marechal da Corte: Silêncio! Silêncio!

Só passados uns momentos as gargalhadas passam.

Marechal da Corte: Não és a nova ajudante do cozinheiro?

Todos se riem e o bobo dá uma cambalhota. Entra a princesa Beatriz, um grande xaile a cobrir o vestido e um lenço na cabeça. Esconde as mãos debaixo do xaile. Fica parada junto da porta.

Princesa: Sou sim, senhor Marechal da Corte.

Marechal da Corte: E o que vens fazer aqui à sala de festas?

Princesa: Peço perdão, senhor Marechal da Corte. Eu estava para sair, mas o meu marido, que ficou de vir buscar-me, ainda não chegou. E então pensei que podia, num instante, espreitar para a sala, já que amanhã é o casamento do príncipe Austero. Gosto muito de ver salas enfeitadas.

O Bobo: Mas naturalmente! Todas as Madames gostam muito de ver salas enfeitadas. E que tal? Madame está satisfeita?

Criados passam pela sala, com bolos, tortas e outras coisas boas. Um deles esbarra com a princesa e quase que a deita ao chão.

Primeira rapariga, para a princesa: Não te ponhas tão perto da porta. Não vês que eles precisam de passar? És desajeitada.

Princesa: Vou-me embora.

O Bobo, travesso: Oh, querida Madame, não se vá embora tão depressa. Espere mais uns momentos. Eu teria muito prazer em dançar consigo. Só uma única vez! É que nunca, em toda a minha vida, me foi dada a honra de dançar com uma Madame. Inclina-se diante dela, a mão sobre o peito. «S'il vous plaît», Madame Músico. Para a orquestra: Um samba, senhores! Um samba para o bobo da corte e para a Madame do senhor músico António!

A música começa a tocar. A princesa quer fugir, mas o bobo agarra-a pelo vestido.

O Bobo: Não fuja, beldade. Sou um bailarino famoso, até já me puseram o retrato no jornal: «Marcelino, o bailarino incomparável». E sabe? O próprio príncipe Austero me vai deixar dançar com a noiva, amanhã, no dia do casamento. Claro, será uma grande honra para a noiva.

O bobo arrasta a princesa para o meio da sala e vira-se com ela num passo de dança. Nisto cai, de debaixo do xaile da princesa, um tacho de barro, que se parte. A comida espalha-se pelo chão. A música cessa de tocar. O bobo larga a princesa. Todos se aproximam e olham para o chão e depois para ela.

O Bobo: As surpresas estão a começar!

Marechal da Corte: Sim senhora, um tacho com batatinhas doiradas e um bom pedaço de vitela assada.

Princesa, a tremer de medo: É que... é que... o meu marido, o músico António... Ele trabalha muito, sempre a caminhar todo o dia, sempre a cantar, a entreter os outros e a ganhar muito pouco. Não podemos nunca comer vitela assada, senhor Marechal da Corte. E eu pensei: «Há tanta comida, um tachinho de batatas e um bocado de carne talvez não façam diferença». Foi o que pensei.

Marechal da Corte: Pois pensaste mal. Se todo o pessoal pensasse como tu, queria ver onde íamos parar. Ao menos perguntasses ao cozinheiro se te dava licença, minha atrevida.

Primeira rapariga, com pena: O músico não parece má pessoa, senhor Marechal da Corte. Conheci-o ontem. Bonito homem.

Primeiro rapaz: Canta bem e sabe tocar viola.

O Bobo: E não se esqueça, senhor Marechal da Corte: Madame toca piano e pinta flores e fala francês. São luxos caros para um pobre músico de viola. Como quer que lhe sobre dinheiro para comprar carne de vitela?

Marechal da Corte: Está bem. Compreendo. E num dia destes não quero ser severo.

Princesa: Obrigada, senhor Marechal da Corte. Obrigada.

Neste momento ouvem-se tocar fanfarras.

Primeira rapariga: O príncipe!

Todos: O príncipe!!!

Grande excitação pela sala. Uns instantes depois entra o príncipe Austero, de capa larga e de chapéu. Todos se inclinam e a princesa aproveita para fugir.

Príncipe: Muito boas tardes, minha gente. Espero que tenham passado bem durante a minha ausência. Está tudo preparado para o casamento de amanhã?

Marechal da Corte: Tudo, Alteza. Fez-se o que se pôde, sem grandes despesas. Oxalá Sua Alteza fique satisfeito com o nosso trabalho. Mas, se me permite, uma pergunta: onde está Sua Alteza, a noiva?

Príncipe: Um pouco de paciência, senhor Marechal da Corte. Não vamos precipitar as coisas. A minha noiva não tarda. Repara no tacho partido e na comida entornada:
Mas que vem a ser isto?

As raparigas precipitam-se para limpar o chão.

Marechal da Corte: Perdoe-me o desleixo, Alteza. O chão já devia estar limpo. O que aconteceu foi isto: contratámos uma pobre criatura para dar uma ajuda ao cozinheiro durante os dias da festa. Constava que ela sabia

descascar batatas muito bem. Mas a atrevida aproveitou logo a ocasião para surripiar uns petiscos da despensa. Escondeu um tachito cheio de batatas aloiradas e de vitela assada debaixo do xaile, a julgar-se muito esperta. Mas o bobo meteu-se com ela e então o tacho caiu-lhe e notou-se o roubo. A criatura desfez-se em desculpas: que o marido vinha, à noite, cansado para casa de tanto caminhar e cantar, que não tinham dinheiro para comprar carne, e assim por diante. A história do costume. Enfim, como estávamos em dia de alegria, perdoci-lhe por esta vez.

Príncipe: Onde está ela?

Primeira Rapariga: Fugiu.

Segunda Rapariga: Deve estar lá fora à espera do músico.

Príncipe (vai para a janela e olha para fora): Será aquela, ali, junto do portão?

O Marechal da Corte aproxima-se da janela e o bobo também para lá corre. Os três olham para fora.

Marechal da Corte e Bobo: É ela, Alteza.

Príncipe: Chamem-na.

O primeiro rapaz sai para buscar a princesa.

Primeira Rapariga: Vai castigá-la, Alteza?

O Bobo: Olhe que ela fala francês!

Segundo rapaz: É um bocado gabarola, mas não parece má pessoa.

Marechal da Corte: Deixem-se disso. Quem resolve o assunto é Sua Alteza.

Entra o rapaz, que traz pela mão a princesa Beatriz, que fica junto da porta.

Marechal da Corte: Uma vénia, desgraçada! Então não vês que estás em presença do príncipe Austero?

A princesa faz uma vénia em direcção ao príncipe.

Príncipe: Aproxima-te.

A princesa aproxima-se.

Príncipe: Como te chamas?

Princesa: Beatriz.

O Bobo: Madame Beatriz!

Príncipe: Onde moras?

Princesa: No Beco Estreito, número 15, com o meu marido, o músico António.

O Bobo: No Beco Estreito, número 15: uma rua elegante e uma casa catita, cheia de quadros com flores pintadas. O piano, esse não cabia lá dentro, por isso ela trá-lo sempre às costas!

Príncipe: Cala-te bobo! Para a princesa:
Gostas de trabalhar no meu castelo?

Princesa: Gosto sim, Alteza.

Príncipe: Então porque roubaste logo no primeiro dia?

Princesa: É que... Vossa Alteza compreende...

Príncipe: Vamos, diz lá. Preciso de saber.

Princesa: Eram batatas e vitela assada. O meu marido disse-me: «Traz um petisco para mim. Já há muito tempo que não como um bocado de boa carne assada...».

O príncipe desata numa gargalhada divertida e a princesa, assustada, quer fugir.

Príncipe: Não fujas, Beatriz. O teu marido, decerto, ainda não chegou, e eu gostava que nos fizesses um bocado de companhia.

A princesa fica parada no meio da sala. O bobo põe-se a dançar em volta dela. Os rapazes e as raparigas voltam ao trabalho de decoração.

Príncipe, para o Marechal da Corte: O jantar está pronto?

Marechal da Corte: Quando Vossa Alteza quiser.

Príncipe: E os hóspedes, já chegaram?

Marechal da Corte: Os primeiros devem estar mesmo a chegar. Já os mandei buscar de automóvel à estação. Os aposentos também estão preparados.

Príncipe: Ótimo. Estou satisfeito. Trataram de tudo.

Marechal da Corte: Peço muita desculpa a Vossa Alteza, mas há pouco disse-me que a noiva não tardaria a estar cá. Estou preocupado: talvez lhe tenha acontecido alguma coisa! Ou Sua Alteza considera a minha pergunta impertinente?

Príncipe: De maneira nenhuma! Tem muita razão, senhor Marechal da Corte. Sem noiva não posso festejar o meu casamento. Para os rapazes e raparigas: Ou acham que posso?

Os rapazes e as raparigas põem-se a rir e exclamam: Não pode, não senhor!

Bobo, fazendo passos cómicos e batendo as ancas. Só se Sua Alteza quisesse casar comigo.

Príncipe (encaminha-se para a princesa, que, receosa, recua um passo. Ele toma-lhe a mão e fala para as pessoas na sala de festa): Minhas senhoras,

meus senhores, apresento-lhes a minha mulher, a princesa Beatriz. Na verdade, já tínhamos festejado o nosso casamento, mas foi um casamento sem brilho e sem alegria. Era Inverno e minha noiva quase ia gelando de tanto frio. Não, não foi um casamento bonito, como devem ser os casamentos. E o que agravava tudo era ela achar-me feio, antipático e mau. Mas parece que, entretanto, se habituou ao meu aspecto e à minha maneira de ser.

Enquanto a princesa o olha com espanto e se ouve murmurar por toda a sala: «Ah! Oh! Mas que é isto?! Não me diga», o príncipe tira a capa e o chapéu. Diante da princesa está o músico António.

Princesa: António!

O Bobo: O músico da Madame! O da viola!!

Marechal da Corte, sem fôlego: Que quer dizer isto, Alteza? Está a brincar connosco?

Os outros: O músico! O príncipe! O músico!

O príncipe tira o xaile à princesa. Ela está com o vestido do costume e o avental grosseiro.

Príncipe: E agora que me dizes, linda princezinha?

Princesa, quase a chorar de alegria: Não posso acreditar no

que os meus olhos vêem. E tu foste todo o tempo o príncipe Nabo... Tapa a boca com a mão, assustada.

Príncipe, a rir: Sim, sim, podes dizê-lo: o príncipe Nabo da Nabolândia, teu marido.

Princesa: E professor.

Príncipe: De queixo comprido como um nabo.

Princesa, encostando-se a ele: Oh, António...

O Bobo: Austero, Austero!

Princesa: Não sei como me hei-de habituar.

O Bobo, excitado, para a princesa: Sua Alteza, Madame...
Oh, perdão... princesa Beatriz, então sempre sabe falar francês e tocar piano e pintar flores? Não era mentira?

Princesa: Não era mentira, não. Mas não me quiseram acreditar.

O Bobo abana, admirado, a cabeça: Como queria Sua Alteza que a gente acreditasse se a encontrámos no Beco Estreito, nº 15, a descascar batatas? A vida sempre tem cada surpresa! Mas esta não me entra na cabeça! Um músico, uma madame, um piano, piano nenhum, nem cadeirões, mas coelhos e batatas, e depois carne de vitela roubada e um

Príncipe e um castelo. Para o público:
Alguém será capaz de me explicar como tudo isto se combina?

Príncipe: Sou eu, bobo. Ouçam. Todos se agrupam em volta do Príncipe e da Princesa. Era uma vez uma princesa chamada Beatriz, que vivia no Castelo da Abundância. Iam lá príncipes de toda a parte para lhe pedirem a mão em casamento. Mas a princesa troçava deles, porque era vaidosa e arrogante. Por fim só restavam, além de alguns príncipes velhinhos e arruinados, mais três. Mas a princesa também se riu deles e desprezou-os a todos. Então, Sua Majestade, o rei do Castelo da Abundância, farto de aturar uma filha embirrenta, disse que a ia dar ao primeiro homem que aparecesse no castelo, fosse ele príncipe, músico ou pobre de pedir. Ora, apareceu logo um músico, que cantou uma canção muito linda. Para a princesa: Era linda, não era?

Princesa: Hum...

Príncipe, continuando: E o rei, que gostou muito de a ouvir, deu ao músico a princesa como recompensa. Ora, esse músico, o António, era eu, o príncipe Nabo da Nabolândia. O resto é fácil de adivinhar, ou não achas, bobo?

O Bobo: Fácil, fácil? Esta gente acha tudo fácil. Ai!, nunca, em toda a minha vida, ouvi história mais complicada.

Há grande risota. Ouve-se lá fora um ruído de

automóvel. O Marechal da Corte e o bobo correm para a janela.

Marechal da Corte: Chegam os primeiros convidados.

Príncipe: Depressa, um manto real para a princesa.

O bobo corre para fora e volta carregado com um pesado manto de veludo vermelho. As raparigas ajudam a princesa a vesti-lo, enquanto os rapazes ajudam o príncipe a pôr a capa com que entrou. Entram, depois, o rei do Castelo da Abundância, o Marechal da Corte e Mademoiselle, a Marquesa de Fanfaronnade. A princesa precipita-se para o pai e abraça-o.

Princesa: Meu pai!

Marechal da Corte do Rei: Bons olhos a vejam, princesa Beatriz. Parece-me que, afinal, sempre vou comer os meus ovos em fio, heim?

Princesa: Hei-de tomar conta disso, senhor Marechal da Corte.

Mademoiselle, cheia de convicção: Boa tarde, princesa Beatriz. Encantadora como sempre. Verdadeiramente deliciosa.

Princesa: Por favor, Mademoiselle, Marquesa de Fanfaronnade, acabe com essa maneira de falar. Se quiser ficar comigo tem de se modificar.

Mademoiselle, indignada: Eu, a Marquesa de Fanfaronnade, modificar-me? Eu, que já eduquei várias princesas e sempre fiz delas grandes senhoras, eu, que nasci no castelo de Fanfaronnade, na Provença, e que tive um avô que era alfaiate do Imperador Napoleão III, eu, que sei distinguir, de olhos fechados, entre gente bem e gente reles, eu, modificar-me? Mas porquê? E para quê? «Ridicule, parfaitement ridicule!».

Grandes gargalhadas. O príncipe Austero pede a viola, que lhe entregam e começa a tocar. Todos fazem uma roda em volta de Mademoiselle e cantam:

Fala francês:

Monsieur, Madame

Toca piano:

tim, tum, tam-taram

Pinta florinhas com perícia

Ora vejam a donzela, que delícia

Oui Monsieur,

Bonjour, au revoir,

Non Madame,

Tim, tum, tam-taram.

Mademoiselle rompe o círculo e põe-se a fugir. A música continua a tocar e enquanto toda a gente está divertida, o bobo dá cambalhotas. O pano cai, mas o bobo fica de fora. Quando se vê, espantado, sozinho a enfrentar o público, diz:

O Bobo: Fiquei de fora, pouca sorte! Vejo-me obrigado a dizer-vos alguma coisa, querido público. Estou atrapalhado, o que é coisa rara comigo. Enfim...

Esta história acabou,
Sem dúvida que vos agradou.
Espero que penseis nela,
Na donzela rica e bela

Que, de tamanho desdém,
Ia ficando sem ninguém.

Mas a vida que amargou
De maior desgraça a salvou.

E cá estou eu a palrar
Em vez de tornar

A animar esse pessoal
Que sem mim trabalha muito mal.

Como sabeis, temos festa
E portanto só me resta

Convidar-vos a vir.
Decerto gostareis de assistir

Ao casamento de maior importância
Aqui e na terra da Abundância.
Vinde cumprimentar Sua Majestade
E Mademoiselle Fanfaronnade,

O príncipe Nabo, Sua Alteza,
E Beatriz, a famosa princesa.

A mim também, o Marcelino,
Bobo da corte e bailarino.
E agora, amigo espectador,
Uma salva de palmas, por favor!!

O bobo dá várias cambalhotas e desaparece.
Música.